

## A POTÊNCIA DO ESPAÇO COMO DESVIO NO APRENDER DOS CORPOS DEAMBULANTES

*The power of space as a drift for learning meandering bodies*

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti<sup>1</sup>

### RESUMO

O desvio como (des)foco; o desvio como problematizador e disparador de novos problemas; o desvio conceituado por três filósofos; o desvio como uma via possível. Antoine, personagem principal do filme “Os Incompreendidos” (1959) de François Truffaut, nos (des)guiará dos fluxos já traçados e demarcados pelas instituições ditas hegemônicas (escola, família, reformatório, cidade,...). É com ele que percorreremos os três blocos do texto, e é com ele que chegaremos ao mar, ponto de referência para a deriva; aí entra a geografia, que nos permite vagar pelos espaços sem fronteiras, a possibilitar de pensar o novo, o que ainda não foi traçado. Experimentações de outras possibilidades de vida quando desviadas daquilo que nos é habitual. Aí quem sabe, o possível para aprender o novo e para a deambulação de outras novas rotas de fuga daquilo que pode plasmar uma vida.

**Palavras-chave:** Desvio. Geografia. Deambulação. Aprendizagem. Cinema.

### ABSTRACT

The drift as a (non-)focus; the drift as questioning trigger for new problems; the drift conceptualized by three philosophers; the drift as a possible route. Antoine, the main character in the movie “Les Quatre Cents Coups” (1959) by François Truffaut, (mis)leads us from the flows that have already been plotted and marked by the so-called hegemonic institutions (school, family, reformatory, city...). He is the one with whom we cover the three passages of text, and it is with him that we will reach the sea, a reference point for the drift; this is where geography gets in and allows us to roam the borderless spaces and permit to think something new that has not been traced, yet. These are experiments with different possibilities for life when we deviate from what is habitual. Then, perhaps, it would be possible to learn the new and meander along new routes that escape from what could shape a life.

**Keywords:** Drift. Geography. Meandering. Learning. Movies.

<sup>1</sup> Pedagoga, mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. batupre@yahoo.it.  
✉ Rua Antonio Pierozzi, 261, Barão Geraldo. 13084-075. Campinas, SP.

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

*Em suma, o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço. Viajar de modo liso ou estriado, assim como pensar... Mas sempre as passagens de um a outro, as transformações de um no outro, as reviravoltas.*

Gilles Deleuze e Félix Guattari

### PROVOCAR O DESVIO

Pensar as imagens cinematográficas para problematizar o espaço da cidade como potência ao desvio. A potência do desvio daquilo que sufoca, que engasga. Encontrar saídas, mas de modo algum, liberdade. Sempre alguma saída. É nesse pensamento que encontramos o filme “Os Incompreendidos” (“Les quatre cents coups”) de François Truffaut (1959), para pensar junto com a vida do personagem principal, os seus atravessamentos deambulantes dos diferentes espaços que a personagem percorre pela cidade de Paris. Sua casa, a escola, o reformatório e o espaço da cidade. Percorrer com ele, o modo de ser e estar no espaço.

O filme como disparador de pensamentos. Antoine, personagem principal da trama, afeta à proliferação de novos pensamentos, no caso, o desvio e as estratégias de aprendizagens nesse deambular é o que nos provoca. São as aprendizagens deambulantes praticadas pelo personagem que nos levam a problematizar o desvio como uma aprendizagem outra, que deambula sem fronteiras no pensamento. Antoine como intercessor, disparador e proliferador de pensamentos.

Antoine, durante os minutos de filme, tenta desviar de tudo aquilo que o quer capturar. Desvia porque não aceita uma vida que quer confinar. Livre, procura escapar das maquinarias que o poder aponta em cada passagem da história; cria linhas de fuga das amarras engessantes, que impedem o pensamento deambular por um espaço liso e aberto à proliferação da diferença. Ele produz, do próprio desvio, uma maneira de seguir adiante sem ser capturado; ele transforma esse desvio em uma aprendizagem potente para seu estilo de vida. É o próprio desvio que o força a transformar esse fluxo desviante em uma aprendizagem que deambula pelo pensamento.

Desse modo, Antoine nos faz criar problemas: como os corpos se organizam em uma máquina-cidade? Como os gestos são demarcados e entranhados nos corpos, até mesmo pelo deambular nas cidades? O que o Antoine produz de potente mesmo inserido em lugares que sufocam? Que saídas ele encontra a cada vez que é capturado? Que aprendizagens percorrem por ele quando deambula pelas ruas da cidade? E quando confinado? Que desvios são produzidos aí?

[...] não importa onde, ainda que no mesmo lugar, intensamente; não se trata de **liberdade** em oposição a submissão, mas apenas de uma linha de fuga, ou melhor, de uma simples **saída**, à direita, à esquerda, onde quer que seja, a menos significante possível. (DELEUZE, 1977, p. 12, grifos do autor).

Uma micropolítica do desvio está para um escape diário das tendências que tentam capturar diferentes modos de existência; seja na estrutura disciplinar, seja ela na de um controle a céu aberto: Michel Foucault e Gilles Deleuze já mapearam as grandes engrenagens componentes de uma máquina-cidade<sup>2</sup>. Ao desvio, o que nos interessa

<sup>2</sup> Pensamento encontrado, principalmente nas obras: “Vigiar e Punir” de Foucault (2001) e “Conversação”, Deleuze (1992), especialmente no Capítulo V sobre Política.

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

é um afastar-se de tudo aquilo que pode fragilizar a potência inventiva, a potência de um pensamento deambulante que é aberto às conexões, que vaga livre e desvia dos processos de subjetivação manipulantes e ditantes de regras e condutas; desviantes dos modos de agir robóticos, chapados tão cabíveis às sociedades de controle.

Encontramos efeitos dos mecanismos disciplinares e de controle por onde quer que deambulemos. São gestos e movimentos que se estipulam conforme uma determinada sociedade são micro-relações, cada uma com seus códigos de obediência e servilismo. O espaço, o lugar em que estamos inseridos; nossa localização no espaço geográfico como pontos, nos localiza e nos faz emitir signos a serem realizados e reproduzidos.

Pensar geograficamente é pensar na ciência dos fluídos, das águas, das direções, das entradas e saídas. Pensamentos que abrem os espaços para a territorialização, desterritorialização e a reterritorialização. As imagens, assim pensadas, dançam por entre as possibilidades de um pensamento geográfico e não histórico, este último que cria pontos a serem cravados e estancados na ciência dos sólidos. É dos pontos que se desvia, e é com os pontos que procuramos outros territórios para nos alocarmos. Potencializar uma geografia no pensamento, esta que percorre liquidamente linhas e não define solidamente pontos. O interessante são as linhas formadas de um ponto ao outro, isto é a duração de um percurso; as possibilidades de ir e vir, livremente, como água.

Pensar nos termos territorialização, desterritorialização e reterritorialização, como movimentos desse desvio; essa é a força da resistência daquele que prefere não ser capturado pelas maquinarias engessantes de modos de vida. Prefere vagar por um território como um artista, um criador, que no ato de sua produção erige um ponto nesse processo de territorialização e que logo se desfaz dela,

sua atuação, para um movimento de desterritorialização e para em seguida, se reterritorializar novamente em outro espaço, em outra criação incapturavelmente.

Desse modo, pensar em problematizações das tensões que configuram o espaço: espaço intersubjetivo, de negociação, de encontros. Espaço construído na e pela imagem, cria uma fissura dos espaços geográficos para abrir mais uma vez, o movimento, as dobras e desdobras. Inventar possíveis mesmo inserido num espaço onde todas as possibilidades já foram esgotadas; aí o novo, criar na impossibilidade. Assim se pode pensar em uma pedagogia do pensamento, que passa pela exploração de problemas no próprio exercício de figuração.

Usamos o filme para aquilo que acreditamos ser potente dele. Foi no encontro com o filme que acreditamos ser interessante pensar a problemática do trabalho. Roubar de seu campo, desviar daquilo que está programado, e fazer transformar ele, numa potência para o uso em outra coisa; naquilo que no seu campo, o filme estaria em estado de tranquilidade, de organização; e potencializar os movimentos e velocidades das outras entradas que ele ainda pode. Sempre se pode mais e mais, afinal de contas os encontros são possíveis por fazer proliferar outros novos signos, outras potências de pensamento ainda não pensáveis. Rachar a imagem com aquilo que ela ainda não foi usada; explorar os limites da imagem para proliferar novas imagens a serem (re)pensadas.

Uma problematização do uso do cinema pensado como uma potência a ser usada como ferramenta para o enfrentamento político (que envolve relações) e ético (que envolve um cuidado para consigo). Antoine, encontra, seja onde forem, seus escapes e desvios potentes para seguir adiante. Onde há a captura, ele desvia, por mais que no próximo passo seja capturado novamente. Esse é o estilo de vida daquele que assume a vida como imprevisto e um permanente combate

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

ao intolerável que assola uma sociedade que prima pelo fascismo. A aprendizagem dura por uma vida toda, e esta se efetua justamente no combate ao intolerável e no encontro de alianças potentes para criar forças, desviar e seguir adiante.

Uma vida que aos poucos compõe singularidades. Deambula por um mundo recortado de sentidos. Desviantes ao menor movimento possível. Intenso pelos afetos que nos atravessam, extenso por seu movimento. Um aprender deambulante nunca é, ele está sempre em processo, em devir, em movimento e em velocidade, ele se compõe pela conjunção 'e', pelos pedaços que se pode relacionar com outros vários 'e', ele vaga pelo pensamento sem demarcações, sem fronteiras, nem bordas, ele está mais para uma geografia do pensamento do que para um pensamento cravado na história, marcado por saberes estipulados, dados e datas históricas.

O pensamento histórico tem a ver com o pensamento maior, pensamento de aparelho de Estado, pensamento instituído e modelador, condutor de modos de pensamento único, cravados nos registros e estatísticas históricas, a fim de prestar servilmente ao modelo de Estado, toda uma produção que morre antes mesmo de nascer; que é impedida de vir à tona e produzir a diferença. Pensamento de Estado é pensamento em bloco, que nos faz seguir modos e pensamentos da ordem e servir docilmente a uma vida homogênea e com possibilidades mínimas de criar a nossa maneira.

Um pensamento geográfico se guia por um desejo inovador; que tem sede de mudanças, que se deixa vagar em pensamento por uma produção de novidades, que está aberta para a deambulação, isto é, que se permite criar desvios dos mapas já traçados. Pensar geograficamente é criar uma diagonal, mesmo dentro desse espaço já delimitado por um pensamento de Estado; é insistir em produzir novos

modos de se conduzir, de governar a si mesmo; de criar estratégias para enfrentar o modelo arbóreo instaurado por um Estado capitalista.

Um pensamento menor, isto é, um pensamento da resistência, que se inventa no imprevisível, que se deixa levar pelos acontecimentos intensos da vida está para um pensamento geográfico. Antoine se joga na intensidade dos acontecimentos, desvia de tudo aquilo que é intolerável para ele: família, escola e o centro de observação para menores delinqüentes. Fugas-intensivas. Qual o próximo passo?

Antoine sabe que se pertence ao instituído, no **dentro**, no espaço estriado; mas sua busca está para uma produção diária de si, de resistências ao mundo dado, desvia dele como pode, e é o próprio desvio esse aprender deambulante. Como se produz o desvio no instante em que se é capturado? Esse é o problema. Essa é a aprendizagem potente, aquilo que ainda não se havia pensado. O imprevisto, o improvisado, o novo. Produzir um cuidado de si no encontro das invenções de si. Se preocupar em sermos aquilo que nunca fomos.

O jovem menino não cabe nesse modelo histórico, modelo de Estado, e não cabendo nessa estrutura, ele procura uma saída, a menor que seja, um buraco na grade que limita as passagens. Um furo, um espaço mínimo, ou seja, ele foge, escapa. Antoine limitado na família, escola e reformatório. Três cenários confinam o personagem da trama. A família manda-o para a escola, não cabendo na escola, mandam-no ao reformatório. Para onde mais se envia alguém? Hospital? E a morte é o que resta a Antoine? Ele para por aí, no reformatório. Escapa de lá e encontra o mar.

A personagem não se curva às normas e regras pré-estabelecidas nestes espaços. Escorre para outros cantos, se esconde em buracos e tocas, prefere isso a seu lar. A rua o conforta nos momentos de fuga e ao mesmo tempo produz pavor e medo da solidão. Desliza por parques de diversão, fliperamas, cinemas, praças, calçadão, garagens



## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

escuras: um buraco para dormir. É nesses espaços que Antoine inventa aprenderes potentes para sua vida, livre dos olhos que vigiam e punem o menino quando dentro das instituições.

Já dentro das instituições, Antoine também encontra e inventa inúmeras estratégias para suportar o decorrer das horas do seu dia. Falsifica bilhetes escolares, cola e passa cola nas provas, inventa modos de se comunicar com os demais colegas, bilhetes, gestos, mímicas. Mente para encontrar os desvios. É na mentira que encontra uma das melhores estratégias para suportar a vida que prima pela ordem do confinar. No filme Antoine se justifica à psicóloga do reformatório: **"Eu minto de vez em quando mesmo. Porque às vezes, se eu dissesse a verdade eles não iam acreditar em mim. Então acho melhor mentir"**. Entre tantas estratégias que cria, em algumas é pego. Confusão armada. Quando pego, não encontra saída. É violentado pelo pai, mãe, professor e coordenadores do reformatório.

Fim de partida: Antoine é pego roubando uma máquina de escrever do escritório de seu pai. É levado ao "C.O.M", Centro de Observação para Menores Delinqüentes. Em um jogo de futebol, Antoine foge, corre e corre e encontra o mar. Espaço liso, aberto a deambulação. Catatônico Antoine para e pensa. Qual o próximo passo?

### MARCAS DO DESVIO

Neste segundo bloco de pensamento, criamos alguns pontos específicos para problematizar teoricamente o conceito do desvio. É um percurso traçado por três pensadores filósofos que encontraram nos textos de Lucrécio (anos 90 – anos 50 a.C.) problemáticas a pensar entradas particulares dos seus objetos filosóficos.

O primeiro é Michel Serres, com o livro "O nascimento da física no texto de Lucrécio", que apresenta o desvio de um modo arraigado de

conceitos dos saberes da física. Apresenta uma clínica e não uma crítica da física; desenvolve outro pensamento possível da física dos fluidos (Vênus-imanente-geografia) em contraponto à física dos corpos duros (Marte-transcendente-história). Problematizar a geografia do desvio que é fluída, num pensamento em coletivo com a física e a filosofia e saborear a multiplicidade que pode se misturar em um pensar rizomático.

Aproveitando-nos desta obra, extraímos somente aquilo que é necessário a essa escrita: o conceito de desvio/**clinâmen**. Tiramos esse conceito do plano da ciência para colocá-lo na perspectiva de um aprender deambulante, isto é, aprenderes que se dão quando desviados do hegemônico e potencializam a invenção de outros saberes sem se desfazer dos duros. Porém, já nas primeiras páginas do livro, o autor aponta que o **clinâmen**, ou seja, o desvio, não se trata de ciência, "não se trata de uma ciência do mundo, mas de uma mistura impura de metafísica, de filosofia política e de devaneios sobre a liberdade individual projetados sobre as coisas mesmas" (SERRES, 2003, p. 12).

Mas de que se trata esse desvio? "Não mais que o mínimo" (SERRES, 2003, p. 13). O desvio é do plano do sensível, da intensidade, dos gestos micro e dos mínimos detalhes. Roubando para o plano do aprendizado, podemos nos situar na atmosfera das sensações sutis que surgem num fluxo sem intenção, mas intensivo. O desvio é aquilo que pode resistir ao campo dos saberes, campo do institucional, campo do molar. O desvio é molecular, é átomo, é fluxão, "os átomos encontram-se na e pela turbulência" (SERRES, 2003, p. 16).

Na definição de Serres, o **clinâmen** "é o ângulo mínimo de formação de um turbilhão, aparecendo aleatoriamente em um fluxo laminar" (SERRES, 2003, p. 17). O **clinâmen** é um diferencial, é aquilo que na turbulência dos pontos (corpos como pontos deambulantes – móveis

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

– no espaço), a faz diferir; ele não cessa. Ele é o “transporte em geral” (SERRES, 2003, p. 232), a velocidade.

Para se pensar em termos de desvio, devemos abandonar a “mecânica dos sólidos” e pensar no campo do “modelo hidráulico”, numa “mecânica dos fluidos”. Pensar em termos de corpos que flutuam pelos mecanismos de controle. Corpos potentes e sempre em relação com outros corpos (encontros e alianças).

Corpos que deambulam como grãos de areia e que, juntos, compõem a grande máquina capitalista cinzenta. “O arenário constrói um mundo, e faz todos esses meios servirem a um modelo. [...] No final das contas, o universo é preenchido de grãos e de suas lacunas, isto é, de átomos e de vazios” (SERRES, 2003, p. 27). Relações que se compõem infinitesimalmente.

Corpos que deambulam no vagar das aprendizagens, desviam da marcação dos pontos. Somos pontos no mapa geográfico de um lugar. Somos capturados justamente pela **maneira de estar no espaço e de ser no espaço**, aquilo que produzimos de interessante no espaço. Corpos-turbilhões escapam das marcas que seguem o fluxo molar, desviantes de qualquer demarcação, desvios micro, para potencializar o deambular no pensar. Territorialização (ponto), desterritorialização (linha), reterritorialização (ponto)...

Intensamente e extensivamente, juntos no mesmo espaço e ao mesmo tempo; o vagar é intensivo e extensivo, mas a criação é do plano da intensidade. “O prazer está na intensidade, não na duração, prolongamento do tempo. [...] O movimento está mais perto possível do repouso” (SERRES, 2003, p. 289). Aprendizagens prazerosas desviam da aceleração de informações, opiniões, isto é, daquilo que pode plasmar e estabilizar o pensamento e se inclinam para a turbulência de possíveis no pensamento, na intensidade e não na extensão.

O desvio é do plano do imperceptível, é o ladrão não capturável, é o engano da visão. Desviar de tudo aquilo que pode nos equilibrar, nos tornar sujeitos às correntes duras que migram ao atravessamento dos nossos corpos, das nossas vidas. Tratar de encontrar o desequilíbrio na corrente do equilíbrio. “Se dispuséssemos apenas do princípio de identidade, seríamos mudos, imóveis, passivos, e o mundo não teria existência; nada de novo sob o sol. [...] Tudo é desvio do equilíbrio, exceto o nada. Isto é, a identidade” (SERRES, 2003, p. 38).

É o **clinâmen** que dá formas ao possível, ele é um diferencial. Ele é a consistência que atravessa o caos. É o sentido para um acontecimento. Sempre em movimento. “O clinâmen está sempre presente: suprimido aqui, reaparece alhures. Não se trata, pois, de uma estática do equilíbrio, mas da dinâmica do movimento” (SERRES, 2003, p. 278).

Um aprender deambulante está para o campo do movimento e das variações de velocidade, dos encontros, dos desequilíbrios, do turbilhão de possíveis que podem acontecer. Aprendizagens abertas aos devires. Mutantes aos acontecimentos. Abertos aos fluxos que nos atravessam, potentes para criar com aquilo que nos afeta, aquilo que nos alegra: os bons encontros.

Caos no pensamento e turbilhão de possíveis. O caos está para o pensamento multiplicador, o pensamento que prolifera, que não para para consistir. “A confusão caótica ou a perturbação é um espaço vazio sem limites atravessado por movimentos, choques, intervalos, vias e pesos, distribuídos ao acaso, sem conjunção, disseminados, opostos, disjuntos” (SERRES, 2003, p. 50).

Já o que turbilhona são os possíveis a serem criados no caos. O possível como uma flecha que atravessa o caos e decide o que escolher. As escolhas, as relações. “O turbilhão é, pois, a pré-ordem das coisas, sua natureza no sentido de nascimento. Ordem sobre desordem, qualquer que seja a desordem...” (SERRES, 2003, p. 51). É

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

o possível que Deleuze nos fala para não sufocar no caos. “O turbilhão é devastador. [...] A turbulência é produtora e é destruidora, como o clinâmen é formador e declinante” (SERRES, 2003, p. 142, 144). Caos-turbilhão; possível-clinâmen/desvio.

Aprendizagem que deambula no pensamento pode ser atravessada pelo mínimo desvio, aquilo que rompe o campo do homogêneo, o que potencializa a diferença, que logo é capturada novamente para o campo da homogeneidade, mas que é forte para seguir adiante. Desviar do que pode capturar para o dentro, para as maquinarias da sujeição. O nascer e morrer constantemente, conjunções e disjunções na repetição a gerar diferenciais.

Corpos que se afetam na corrente dos encontros. Há que se selecionar tais choques. Perceber o que me produz perturbação no sentido da produção de subjetividade dos campos dos saberes molares; se afastar dessa perturbação e dela desviar à **ataraxia** potente dos encontros alegres. Filtrar no caos o que me afeta para a alegria, para aquilo que me potencializa ao desejo de criar. Agenciamento de alianças interessantes para a vida, no lugar que for, rua, escola, reformatório, parque de diversão. Os encontros são sempre acompanhados das negociações, das decisões que devemos nos inclinar.

A ausência do caos, da perturbação nos faz cair na maquinaria molar, e lá permanecer eternamente, uma vez que é no caos que encontramos caminhos para os possíveis. Há que se viver tanto no caos como encontrar os possíveis na impossibilidade caótica. “O mundo é multiplicidade de fluxos, inclinados uns em relação aos outros. E cada corrente corre seu declive” (SERRES, 2003, p. 93).

No momento em que nada se passa, tudo se passa. O que determina essa afirmação é que na corrente do vazio há um povoamento silencioso de possíveis. Micropercepções. É o possível para a criação do novo, num tempo múltiplo, num espaço infinito, aberto. “O espaço

é um campo de vetores, de flechas que indicam o sentido” (SERRES, 2003, p. 225), e onde o sentido “é a integração de pequenas mudanças, [...] é uma bifurcação na univocidade” (SERRES, 2003, p. 224), e isso é singularidade.

O espaço aberto ao movimento das mudanças. Um aprender deambulante vaga no espaço e resiste aos campos de saberes macro e das aprendizagens que migram ao instituído. Aprender é do campo do menor, do micro. Devir-minoritário do saber, que se faz pouco a pouco. “A vida é um sistema aberto” (SERRES, 2003, p. 221).

O perigo de experimentar pensar o não pensável, o impossível. O medo que isso produz nos corpos. O calafrio que sentimos na descoberta de uma decisão para um possível outro. O não acomodamento do pensamento, as procuras por aquilo que não plasma. A procura de um pensamento nascente e morrente a cada vez que vagamos abertos ao desconhecido. Resistência ao campo de saberes instituídos. Afirmação da vida.

Pensamento poroso, fluído, labirintos que abrem entradas e saídas ao mesmo tempo; toca do rato. Mas um medo repleto de desejos potentes. Potência e alegria no desvio de um sistema que tenta chapar o pensamento. Experimentação de outros possíveis. “O clinâmen é a turbulência infinitesimal, primeira, **mas é também a passagem da teoria à prática**. E de novo, sem ele, não se compreende nada do que se passa. Trata-se, pois, da experiência” (SERRES, 2003, p. 130, grifo nosso).

Destruição para a construção, para a desconstrução, para a... Um aprender se faz pouco a pouco, por relações, por conjunções e disjunções; ele é uma tarefa infinita. Criador de imagens do pensamento e, ao mesmo tempo, destruidor. É a potência da experimentação, das sensações. Do que pode uma vida. “Todo corpo é um corpo oco, ele é uma teia singular e vias onde circulam fluxos” (SERRES, 2003, p. 155).

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

Sem os desvios, o mundo morre na Razão. São os desvios que fazem da imanência esse lugar vivo, ativo e inovador, deslocador de leis. “E a identidade é a morte” (SERRES, 2003, p. 170). Desvio como calor que o turbilhão produz. Corpos vivos no espaço não param, proliferam possíveis. E a física é a ciência das relações. “A turbulência é um desvio do equilíbrio. E o início do turbilhão, é o ângulo mínimo da declinação. Que o vivo perturba a ordem do mundo, isso quer dizer literalmente que o vivo é em primeiro lugar turbulência” (SERRES, 2003, p. 173).

O menor desvio possível é criado, “tudo pode nascer do desvio” (SERRES, 2003, p. 211), e isso é mudança de percurso, de movimento. É a flecha do possível. “Quando tudo se move, nada muda. A mudança de sentido, por menor que seja, introduz o sentido”, um outro sentido. Fuga do caos total. “O que é o caos? O vazio e a desordem. [...] é o absurdo. Mais ainda, é, sem dúvida, ausência de signo, ausência de sinal” (SERRES, 2003, p. 210, 223). Escapar do caos, que é eterno: eis a tarefa daquele que experimenta deambular nas aprendizagens, e encontrar, minimamente, no detalhe que seja, um pequeno indício de consistência.

Serres, ao final do livro, coloca a data em que o escreve, outubro de 1970 a junho 1977. Praticamente sete anos de escrita do pensamento do nascimento da física no texto de Lucrecio. Gilles Deleuze, nosso segundo provocador, em 1969, muito próximo dos escritos de Serres, escreve no apêndice do seu livro “Lógica do Sentido”, um texto sobre Lucrecio, intitulado “Lucrecio e o Simulacro”. Debrucemo-nos neste apêndice daqui em diante, no mesmo sentido que realizamos com o primeiro autor; o que nos interessa é extraído da obra, roubo de conceitos e de pensamentos alheios a proliferar outras entradas possíveis sobre o problema do desvio.

No apêndice, o autor francês pensa a Natureza “como o princípio do diverso” (DELEUZE, 2006, p. 274), mas que não seja reduzido a

um todo. A “Natureza como produção do diverso não pode ser senão uma soma infinita, isto é, uma soma que não totaliza seus próprios elementos. [...] A Natureza não é atributiva, mas conjuntiva: ela se exprime em ‘e’ e não em ‘é’. [...] a Natureza é bem mais uma soma, mas não um todo” (DELEUZE, 2006, p. 274). Deleuze, junto com a filosofia de Lucrecio, aponta a Natureza como potência do múltiplo, contra a falsa filosofia do Ser, do Uno e do Todo.

Corpos deambulantes no espaço; aqui pensamos o espaço como o espaço da cidade e do que se compõe na imanência, no aqui e agora; cidade como produção de subjetividade, máquina que engendra encontros possíveis. Átomos-vidas, dançantes pelos espaços, produzem com relações, junções, conjunções e disjunções; possíveis, impossíveis. As aprendizagens estão nesse barco sem dono, à deriva, sem limites, sem bordas nem fronteiras. Vagantes, elas se conectam umas nas outras pelos encontros. Vidas aprendem conjuntamente, disjuntamente. Turbilhão aberto para o pensamento. Átomopensamento.

Os átomos se encontram na queda, não em virtude de sua diferença de peso, mas em virtude do *clinâmen*. O *clinâmen* é a razão do encontro ou da relação de um átomo com outro. O *clinâmen* está fundamentalmente ligado à teoria epicuriana do tempo, peça essencial do sistema. No vazio, todos os átomos caem com velocidade igual: um átomo não é mais ou menos rápido em função de seu peso mas em função de outros átomos que retardam mais ou menos sua queda. (DELEUZE, 2006, p. 276).

Para Deleuze, o **clinâmen** é “a determinação original da direção do movimento do átomo. É uma espécie de **conatus**: um diferencial da matéria, e por isso mesmo um diferencial do pensamento, de acordo com o método da exaustão” (DELEUZE, 2006, p. 276). É a potência dos



## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

encontros, dos afetos produzidos no acaso. Os encontros com corpos são aproximações dos desejos, proliferantes a outros novos sentidos; conjunção-disjunção. O encontro é um acontecimento. “Deleuze dá o nome de **acontecimento** a essa pulsação capaz de suscitar as mais estranhas aproximações” (ORLANDI, 2005, p. 46, grifo do autor).

Os átomos são a diferença. Eles não estão para a ordem da combinação, pois toda combinação é finita. Porém, e ao mesmo tempo, essas combinações finitas proliferam-se, entram em choque, e é aí que diferem, pois são combinações infinitas “há uma infinidade de combinações” (DELEUZE, 2006, p. 278). Heterogeneidade e semelhança ao mesmo tempo.

Um aprender que passa pelo corpo está para o corpo da dupla ilusão que Deleuze trata; o corpo que não se engana, pensar e sentir estão imbricados no corpo, nesse duplo, corpo e alma, duas coisas em uma só. As duas ilusões são a profundidade (alma) e a superfície (corpo). Afetos e pensamentos correm na mesma pele. Não há um além-corpo, não há uma reencarnação do espírito ou imortalidade da alma. Corpo age no imanente, na vida. Escapar das perturbações da alma que despotencializam a vida; uma delas, o medo da morte. Preparar-se para ela é o exercício que os epicuristas nos ensinam. Saber filtrar, na turbulência caótica dos acontecimentos, os afetos alegres que nos atravessam, escolher aquilo que não perturba a alma, denunciar tudo aquilo que faz a vida triste. O desvio é a estratégia que a filosofia, a física e a geografia nos ensinam a potencializar uma vida alegre.

O fim ou objeto da prática é o prazer. [...] Mas nossos prazeres têm obstáculos mais fortes que as próprias dores. [...] É a inquietação da alma que multiplica a dor; é ela que a torna invencível, mas sua origem é outra e bem mais profunda. [...] Estar entregue indefeso à inquietação da alma é justamente a condição do homem ou o produto da dupla ilusão. [...] A inquietação da alma é pois feita do medo de

morrer quando não estamos ainda mortos, mas também do medo de não estarmos ainda mortos quando já o estivermos. Todo o problema é o do princípio dessa intranquilidade ou dessas duas ilusões. (DELEUZE, 2006, p. 279).

A inquietação aqui pensada com um atravessamento interessante. Inquietação não por medos, mas por possíveis que são cabíveis a esse estado passageiro. Inquietar-se com o intolerável que assola a vida. Pensar sobre a morte é também pensar a vida e o que se faz dela no instante em que somos pegos e capturados por atravessamentos da estrutura molar. É um se espertar em escutar o que o corpo nos diz. É estar à espreita dos possíveis acontecimentos imprevisíveis que nos chegam. Saber que o único acontecimento possível e previsível é a morte, então, o exercício é fazer da vida uma produção diária de encontros alegres a gerar inquietações no sentido de movimentar uma vida que clama à calma, que clama ao pensamento único. Produção de inquietações potentes e a proliferação de novidades.

Tempo do acontecimento, do microperceptível, das variações múltiplas gera um exercício que faz desviar do que nos fazem crer ser o real sentido das coisas (as ilusões que nos são vestidas pouco a pouco), denunciar, abrir-se para experimentar aquilo que ainda não se ouviu, não se viu, não se sentiu, não se tocou, não se falou, não se... O novo não conhecido, **o novo por vir**.

A inquietação é do tempo do acontecimento, da criação dos possíveis na impossibilidade, da intensidade, da sensibilidade, da singularidade, da alegria. Tornar potente um acontecimento sensível é afirmar a inquietação como movimento da vida, e se possível, desviar do que nos cria ilusões, do que nos leva ao campo da metafísica, da informação e da opinião.

Michel Onfray, mais um francês para completar o trio de peso, desenvolve num capítulo de seu livro “Contra-história da filosofia”

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

(2008), escritos sobre Tito Lucrécio Caro (anos 90 – anos 50 a.C.), intitulado “Lucrécio e ‘a volúpia divina’”. Passagens curiosas de sua vida pouco descoberta, abafada por tradutores cristãos, acabaram escondendo a potência de seus escritos e, por isso mesmo, Lucrécio acabou sendo conhecido como louco. E é claro, para os católicos é “mais fácil denunciar o louco!” (ONFRAY, 2008, p. 251).

Lucrécio foi um dos primeiros filósofos a “instalar seus palácios conceituais para além do bem e do mal” (ONFRAY, 2008, p.253). Ele mostra o mundo como é, não falseia nem enfeita; descreve-o. Apresenta a realidade através do estudo dos átomos, da matéria, da mecânica, da imanência pura. “Lucrécio reduz toda realidade a átomos reunidos e compostos em movimento no vazio. Polarizando o olhar apenas nas partículas, deixa-se de lado a força que faz os átomos se encontrarem e depois se associarem ou se dissociarem” (ONFRAY, 2008, p.259).

Onfray comenta que Lucrécio utilizou a metáfora das letras para explicar o átomo e as composições e combinações infinitas de possíveis, e diz: “Com apenas vinte e seis letras de um alfabeto escreve-se a “Odisséia”, a “Divina Comédia”, “Em busca do tempo perdido” ou um relatório de polícia, uma carta anônima...” (ONFRAY, 2008, p. 260). Isso ocorre com os átomos, “graças às multiplicidades de arranjos, de encontros, de movimentos, de ordenações, de disposições, de figuras, a produzir a diversidade do mundo...” (ONFRAY, 2008, p. 260). O desvio é o possível para a criação na composição de átomos, é o **clinâmen** que escapa do mundo caótico e inventa um possível; e escapa novamente, infinitamente em movimento. Somos átomos perdidos no espaço à produção de consistência e alianças potentes para enfrentar e resistir à vida. Átomo-alfabeto.

Impossível falar em Lucrécio sem comentar sobre o prazer e a alegria. Venerador de Vênus, Lucrécio é volúpia. É o prazer que guia a vida;

o **clinâmen** escolhe a volúpia, o prazer, a alegria. Essa é a resistência que uma vida pode no ato das decisões. “A filosofia consiste na arte de seguir Vênus, de inspirar-se nela, para destruir, na medida do possível, o querer e os caprichos do deus da guerra” (ONFRAY, 2008, p.264).

A filosofia de Lucrécio está para as experimentações imanentes, dos cinco sentidos, extraí aprendizagens que a natureza oferece. E é claro, “o recuso do temor” (ONFRAY, 2008, p. 266). Nem fé nem mito nem deuses nem ilusões. Aprender com a vida a preparação para morte. Não temer a morte, saber que dela nada escapa e que nada se leva da vida. Se aprendido assim, viva feliz, já!

Saber viver supõe aprender a morrer; saber morrer passa pelo aprendizado de um bem viver; a filosofia permite esse trabalho exaltante. [...] Simplesmente uma ocasião de colocar ponto final numa experiência alegre ou de acabar, finalmente, com um vale de lágrimas. [...] Se é para morrer, melhor partir vivo. [...] Já que a morte leva tudo, que pelo menos a existência seja consagrada ao júbilo. (ONFRAY, 2008, p. 269, 272).

O preparo para a morte é realizado através do exercício da ataraxia, conceito este que é a ausência de perturbação, evita o negativo, o reativo, o que mata a potência em vida. Preparar o terreno para usufruir de si mesmo, gerar prazer em existir, “construção de si como uma cidadela, uma fortaleza inexpugnável. [...] Que pelo menos o corpo, enquanto dura, seja utilizado como uma máquina eficaz para fabricar felicidade, alegria...” (ONFRAY, 2008, p. 276). A preparação para a morte é vida, é nossa experiência na imanência.

Há de se admitir ser esse um exercício complexo. A cultura abafou tudo o que a natureza tem de potente. Marte sobre Vênus, o sólido contra a leveza das águas que Serres falava há pouco. “O fogo, a família, a amizade, a linguagem, a piedade coincidem com o surgimento

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

das cidades, portanto da civilidade. Passagem do nomadismo ao sedentarismo” (ONFRAY, 2008, p. 278).

Tudo pronto nas grandes cidades. Corpos deambulam perdidos na corrente paralisante. Tempo do consumo imediato, prazeres fugazes. O “pouco a pouco” de um aprender intenso no deambular esmagado pela cultura “fast”; ensino-pacote apostilado dividido em aulas, blocos de saberes inúteis aos desejos alheios. Tempo de morte para um aprender, tempo do ensino para as grandes massas. Falso discurso de justiça e direito a todos. Ilusão novamente. Formas a seguir.

Povo: devires-Lucrécios, devires-Antoines urgentes antes que todos morramos em vida! Se continuarmos a seguir o canto das Sereias (opinião, informação, fascismo), “não serão mais os homens que governarão, serão as coisas por elas mesmas” (FOUCAULT, 2010, p. 45).

### UMA TOCA PARA UM DESVIO

Pensar na potência do filme, naquilo que o personagem enfrenta e decide desviar; e aquilo que decide se **viar**. Escolhe o que é potente para sua vida, mesmo que por um período; e o que esse período produz de intenso em sua vida. As alianças, as negociações e a decisão dos caminhos seguidos, como um **cuidado de si** à potência de pensar o que pode uma vida. O que se pode e se aprende na duração da vida: as alianças éticas para consigo e as alianças políticas para com as relações.

Um aprender nunca é; ele soma-se às conjunturas diárias dessas esferas de virtualidades, de possibilidades. É justamente quando nada se passa que tudo pode acontecer. A inclinação de um aprender deambulante não é sem causa, ele implica uma necessidade; efeitos que se deempor uma e outra necessidade. Logo, o desvio, ou **clinâmem**, é então a potência necessária ao ato de resistência frente ao modelo

arbóreo que nos rodeia cotidianamente. Desvios-peneiras; escolhas na decisão dos agenciamentos de possíveis alianças.

O clinâmem é o ângulo mínimo pelo qual o átomo se afasta da reta. É uma passagem ao limite, uma exaustão, um modelo “exaustivo” paradoxal. [...] Da **turba** ao **turbo**: ou seja, dos bandos ou maltas de átomo às grandes organizações turbilhonares. O modelo é turbilhonar, num espaço aberto onde as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distribuir um espaço fechado para as coisas lineares e sólidas. É a diferença entre um espaço **liso** (vetorial, projetivo ou topológico) e um espaço **estriado** (métrico): num caso, “ocupa-se o espaço sem medi-lo”, no outro, “mede-se o espaço a fim de ocupá-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 25, grifos dos autores).

Esse aprender deambulante como **re-existência** aos saberes impostos; a educação que fazem com que introspectemos; ao ensino escolarizante, a família burguesa, a empresa capitalista que deposita em nosso corpo modos e padrões de agir, num movimentar-se marionetemente vazio de sentidos. Potencializar o desvio desses saberes como uma forma de **re-existência** à sociedade de controle que controla nossos pensamentos impondo aquilo que acham que devemos aprender. Desviar da biopolítica da Educação em massa (família, escola, empresa), formação humana, *Bildung*, **padeira**; transgredir o pensamento para pensar o novo, pensar aquilo que ainda não pensaram por nós.

Pensamos resistência, no sentido de “re-existir, insistir em existir, [...] tornar o pensamento uma máquina de guerra. [...] Resistência como constante movimento de afirmar a vida que nos está sendo constantemente subtraída” (ASPIS, 2010, p. 11). Invenção de uma outra nova existência. Criar outras possibilidades de vida ainda não inventadas, nos tornar aquilo que nunca tínhamos sido antes.

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

Resistência é devir, é criação do novo, promoção da vida, na vida ela mesma, aqui e agora. Revolução como plano de imanência, como movimento infinito de lançar e relançar lutas para conjurar a vergonha e responder ao intolerável, a cada vez que a precedente tenha sido capturada. O que nos cabe é criar modos de liberar a vida da captura, denunciar o indigno, criar linhas de fuga para escapar à participação na produção de miséria humana operada pelo capitalismo. Nós, o povo, o artista, o filósofo. [...] Criar novos modos de existir, insistir em existir, re-existir. (ASPIS, 2011, p. 72).

Criar mundos possíveis dentro do mundo que não inventamos. Se a **biopolítica** é criada para evitar os desvios e vigiar a transgressão, dancemos, deambulemos por ela mesma, inventemos uma arte do desvio que produza outro pensamento de e para si, sempre vagante, dançante e disposta a todo instante desviar.

A arte do desvio, nesse sentido, se instaura nos corpos daqueles que se permitem mudar de estratégias a todo instante, mudar as armas para enfrentar o presente que se apresenta. Desvio como arte, pois é preciso, no momento em que se é capturado, inventar estratégias de resistência ao modelo molar; resistir sem contrariar, sem polarizar o pensamento, sem usar de violência. Por isso o desvio se apresenta como arte e resistência, eis o cerne do trabalho: Antoine a cada fuga traçada das maquinarias de acomodação, escapa, desvia e nesse próprio desvio é forçado a inventar as estratégias de resistência. Estratégias que aos poucos se acumulam como um repertório possível aos imprevistos da vida que se apresenta modificados a todo instante. Um repertório de experiências acumuladas na duração da vida como armas para enfrentar os problemas que se apresentam e seguir adiante.

Não importa, parado ou em movimento, tudo o que faz movimentar o corpo para um aprender intenso é o ganho de mais sentidos potentes para a vida de cada um (experiência). Prazer e alegria por aquilo que se aprende são o que conta em uma vida rodeada por macro e

microfascismos. Inventar nossas microfugas-intensivas-potentes-experimentais.

Um pensamento que se abre a um aprender deambulante escolhe por um estilo que vaga, que não se deixa estagnar. Esse estilo de vida que se permite fluir por um vir a ser, acontecer, imprevisível, incerto, arriscado, cruel, corajoso, experimental; uma opção de vida como esta, se faz como um laboratório de aprendizagens diário daquilo que pode o corpo, a vida. É por **não sabermos o que pode um corpo** que ele se abre ao novo, sempre em devir-outro, a procura daquilo que se pode, e se pode sempre descobrir novas rotas, novas tocas, novas linhas para potencializar as decisões traçadas na imprevisível vida.

Daquilo que nas passagens pelas estradas, ruas, hotéis, bares, parques, escolas, empresas, prédios, consegue tragar para sobreviver a este modo de vida e aquilo que refuga, despreza, enjoa. Sabe escolher cada trilha que opta, pois qualquer que seja a escolhida, dará no caminho que deseja seguir. O caminho para uma vida alegre e potente, abertas aos afetos alegres e desviantes dos despotencializadores. Desviar, tirar daquilo que era cômodo. Sair de sua via/rota certa. Inventar novas vias a seguir.

Na aprendizagem por experimento de deambulações não há espaço para o certo nem para o errado. O experimento extrapola o binarismo entre somente duas opções. Uma vida pode mais que escolher apenas o caminho do certo ou do errado, ela vai se guiar por seus desejos e vontades. Abre-se o leque das múltiplas entradas que cada um pode **cavar**.

Uma vida experimental; rizomática, proliferadora de novos pensamentos, criações para afirmar e potencializar a vida que escolhe sair do buraco seguro e seguir adiante no pensamento. Deambular por múltiplas possibilidades que se pode aprender. Arejar o pensamento com outros problemas-aprendizados-intensivos.



## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

Um pensamento assim pode acontecer a qualquer momento com qualquer um, independentemente de pegar uma mochila e sair rumo a fora, as fugas são **intensivas**. Ela acontece. É guiada pelo impulso e pela paixão, não deixa culpa, deixa o pensamento criador falar mais alto. Paixão pela vida. Resistência aos fascismos impostos.

Os artifícios inventados no imediatismo do acontecimento são aprendizagens cruéis, pois força o pensamento a experimentar algo que já estava lá e, ao mesmo tempo, não estava, isto é, as relações que se potencializam pouco a pouco no instante de um acontecimento, turbilhão de aprendizagens circulantes entre elas e, concomitantemente, abertas para tudo o que vaza no momento crucial da efetuação de um aprender que deambula por pensamentos vagantes, caóticos.

É quando nos deixamos ser afetados por algo, que esse algo é capaz de nos tocar. Esse toque é cruel, justamente porque afeta, cruza, atravessa; traz sentido, mesmo que momentâneo, para aquilo que foi significativo nesse momento. O afecto é cruel, pois movimenta o pensamento. Um pensamento moralista está para o canto das Sereias que seduzem vidas e incitam um mesmo e único desejo das vidas.

Quando se considera a própria vida como 'caminho' (como Kafka gostava de fazer, apoiada em Lao-Tsé), cada novo dia traz um novo compromisso, que desvia do alvo [...] cada passo significa o abandono de numerosos outros passos. (ANDERS, 2007, p. 32).

Um aprender deambulante se propõe a não estagnar pensamentos, ele se atualiza no acontecimento, não está disposto a se deixar controlar pelos mecanismos de poder dominante. Ele experimenta as práticas que se encontram nas passagens. Uma aprendizagem, nesse sentido, extrapola o conservadorismo das aprendizagens obrigatórias impostas, para começar na família, depois escola, Estado, religião, empresa.

Laboratório da arte de viver desprendida de cascos seguros. Aprenderes que se dão na **re-existência** da mescla de espaços (liso e estriado) e que percorrem des-vias sem fronteiras, sem medos, sem culpas, sem obrigatoriedade de aprender; isso potencia uma ética do cuidado de si diferente de tudo aquilo que se entendia por cuidado (cuidado a partir do medo, culpa).

Aprender, nesse sentido, é visto como um processo de invenção e experimentação de problemas. Um aprender deambulante se dá num percurso, num meio. É visto em sala de aula quando nos corredores, no recreio, nas conversas paralelas, no gazejar aula, nos desvios do ensino maior que são impostos em aula, quando o pensamento consegue se transpor para um outro lugar mesmo diante do despejo de palavras vindo de um outro alguém.

Ela se dá justamente onde a instituição diz não ser. “Entretanto, mesmo nesses casos, e é isso que nos interessa, o pensamento não para de voar, de zarpar, de escorrer, de vazar, por mais que certo comunicativismo interfira com seu poder seletivo do negociável...” (ORLANDI, 2005, p. 61). **“Mas como é que a gente voa quando começa a pensar”**<sup>3</sup>.

Aprender na deambulação acontece no imprevisível, nos cruzamentos da vida, nos desvios, nos encontros, nas escolhas que realizamos. Aprendizagens errantes que não têm um objetivo final, e se há a possibilidade de um final, não se sabe onde é, pois a sina do deambular é seguir adiante, sempre. Ela é **uma tarefa infinita**.

O deambular por percursos intensos – estáveis ou em movimento –, tem a ver com o desvio de uma vida enquadrada nos moldes de uma sociedade de controle; corpo e mente rígidos, aprendizagens engessadas e que se esgotam ao passar do tempo.

<sup>3</sup> Lupicínio Rodrigues, “Felicidade” (1933).

## A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

Não há saída. Sim. Não há saída. Vamos de um dispositivo a outro. [...] os dispositivos sempre são muito menos do que uma vida. [...] uma vida não pode ser apreendida por um dispositivo. [...] Se pertencemos a dispositivos, não se pode esquecer que neles agimos. [...] Problematizar um dispositivo não é desvendá-lo, resolvê-lo ou resumi-lo num quadro crítico. (CORRÊA, 2006, p. 173).

Aprender nesses moldes afirma o **cuidado de si**, das alianças que agenciamos em nossas vidas, aos estilos que, aos poucos, compomos para afastar-nos de uma vida fascista, já que excluí-la é quase impossível. Como único bem, o corpo; aquele que deambula (intensivamente e extensivamente) não carrega sua vida na mochila, mas em si mesmo, ele tem prazer por aquilo que faz de si e da sua vida. Não tem medo de enfrentamentos, mas possui consigo o cuidado do desvio, desviar daquilo que o chama ao fascismo. Ao ouvir o som do canto das Sereias, cria outras estratégias de fuga; desvia o caminho, pois sabe que ali é uma fonte de destruição de si.

Podemos perceber que as passagens geram na vida deambulante um imprevisto, um desafio a cada dia, um recomeçar a cada instante. A crença de que cada um pode produzir gestos e pensamentos para frear a ambição lucrativa e a concentração de poder dominador, apresentados explicitamente na sociedade de controle são efeitos potentes de um cuidado de si que resiste às maquinarias de subjetivação. Assim, produzir ações de resistência, mesmo inseridos em situações que primam à homogeneização de vidas, é se abrir para enfrentar, com as armas que dispomos do nosso repertório, esse mundo vagante que passa na frente de nós e que, somos nós mesmos que precisamos dar um sentido a vida que queremos viver. Por isso o enfrentamento num sentido desviante é um movimento que resiste a essa vida já pronta e que não precisa do embate para se afirmar; o desvio se afirma por si mesmo, em ato, e solitário.

É a vida a explodir invenção em re-existência da fixação e aprisionamento do pensamento arbóreo. Lutar contra o homem estático que, por vezes, parece incapaz de suportar a vida. Deambular é um devir aberto aos acontecimentos, movimentos imprevistos e passagens da vida. É se jogar ao vento. Decidir a direção que se inclinará ética e politicamente. Buscar caminhos alternativos aos impostos pela sociedade formal. Procurar meios de viver a seu modo em um mundo que já estava posto e imposta. Dançar na fluidez da vida. Esparramar-se geograficamente pelos espaços abertos.

Uma vida que traça passagens deambulantes opta pela coragem das mudanças; “encara a existência como uma grande viagem” (ONFRAY, 2008, p. 75); opta por um outro **cuidado de si**, condutível ao imprevisível, abertos às aprendizagens que tocam, que chegam e que são sentidas pelo instante. Pensar na deambulação; forçar o pensamento a vagar, a desviar do instituído. Criar possíveis na impossibilidade, **re-existir**. Antoine, ou que(m) seja, ao optar por andar na corda bamba, faz abrir o leque **rizomático**, abrem-se os **devires** imanentes que a vida convida. E para seguir adiante, basta ir, num fluxo líquido que nos leve até o mar. ○

### REFERÊNCIAS

- ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. 560p.
- ALMEIDA, Fernanda L. de. **O equilibrista**. Ilustração de Fernando de C. Lopes. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- ASPIS, Renata L. Resistências nas sociedades de controle: um ensino de filosofia e sub-versões. In: AMORIM, Antônio C.; GALLO, Sílvia; OLIVEIRA JR., Wenceslao M. (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e Imagem e Pensamento e... Rio de Janeiro: Editora DP, 2011, p.111-126.

\_\_\_\_\_. Resistência e confabulações. In: AMORIM, Antonio Carlos; MARQUES, Davina e DIAS, Susana Oliveira (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Rio de Janeiro: DP, 2011, p. 63-74.

CORRÊA, Guilherme. **Educação, Comunicação e Anarquia:** procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006. 197p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka:** por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977. 152p.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 3ª reimpressão, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2ª reimpressão, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão, 2002b.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 1992. 279p.

\_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2006. 342p.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a filosofia.** Tradução de Edmundo F. Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976. 294p.

\_\_\_\_\_. **Espinosa: filosofia prática.** Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta: 2002. 144p.

\_\_\_\_\_. **Proust e os signos.** Tradução de Antonio C. Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Florence-Universitária, 1987. 183p.

\_\_\_\_\_. **Conversações.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. 232p.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica.** Tradução de Peter Pál Perbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. 176p.

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição.** Rio de Janeiro: Graal, 2006. 440p.

\_\_\_\_\_; PARNET, Claire. **Diálogos.** Tradução de Eloisa A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998. 184p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246p.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2001. 277p.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política.** Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2004. 322p.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População:** curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. 572p.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do sujeito:** curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio A. da Fonseca e Salma Annus Muchail. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 704p.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 118p.

KAFKA, Franz. **Contos: a Colônia Penal e outros.** s/d. 232p.

LAPOUJADE, David. **Do campo transcendental ao nomadismo operário – William James.** In: ALLIÉZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica.** São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 333-355.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo.** Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 268p.

A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti

LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche, Deleuze, arte e resistência**. Forense Universitária: Prefeitura de Fortaleza, 2007. 368p.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Razão Nômada**. Rio de Janeiro: Forense, 2005. 148p.

\_\_\_\_\_. **Juízo e verdade em Deleuze**. São Paulo: Annablume, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O devir-criança do pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 108p.

NIETZSCHE, Friedrich. W. **Humano demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. 305p.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César e Souza. São Paulo: Cia. das letras, 1998. 176p.

ONFRAY, Michel. **A política do Rebelde**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 291p.

\_\_\_\_\_. **Contra-história da filosofia**: as sabedorias antigas. Vol. I. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 330p.

**OS Incompreendidos**. ("Les Quatre Cents Coup"). Direção, produção e roteiro: François Truffaut. Intérpretes principais: Jean-Pierre Léaud (Antoine Doinel), Claire Maurier (Gilberte Doinel), Albert Rémy (Julien Doinel), Patrick Auffay (René), Guy Decomble (professor). França, Junho de 1959, DVD, 100 minutos.

PASSETTI, Edson (Org.). **Kafka-Foucault**: sem medos. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. 200p.

PERBART, Peter Pál. O tempo não-reconciliado. In: **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000, p.85-98.

SERRES, Michel. **O nascimento da física no texto de Lucrecio**: correntes e turbulências. Tradução de Péricles Trevisan. São Paulo: Editora UNESP; São Carlos: EdUFSCAR, 2003.

STIRNER, Max. **O falso princípio da nossa educação**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário, 2001. 87p.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o Possível (sobre o involuntarismo na política). In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. (Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira). São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 333-356.

\_\_\_\_\_. O jogo da arte. In: LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche/Deleuze**: arte, resistência. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. 128p.

\_\_\_\_\_. Deleuze e a questão da literalidade. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 93, set/dez. 2005, p.1309-1321.

Submetido em Fevereiro de 2012.

Revisado em Junho de 2012.

Aceito em Agosto de 2012.